

Adão Smith

I

No principio do seculo XVIII a sociedade européa, olhada superficialmente, parece ainda muito distanciada da grande revolução que havia de firmar em solidos esteios a liberdade dos povos e assignalar uma nova epocha de progresso na historia da humanidade.

O despotismo sentava-se arrogante e desassombrado em quasi todos os thronos, e raros seriam os monarchas que não podessem exclamar com Luiz XIV: «O estado sou eu.»

A nobreza, depois das luctas com a realeza, jazia anniquilada; e, dissimulando o seu orgulho abatido, curvava-se reverente ante as galas e os esplendores das Fontanges e das Montespan; entretendo-se ao mesmo tempo em pleitear preferencias sobre o direito de prestar aos monarchas os mais vis e abjectos serviços.

O povo vivia na mais desgraçada miseria, vendo campear infrene o luxo nas cortes e nos palacios dos poderosos. Ao lado de sumptuosas vivendas dos nobres jaziam os campos incultos ou mal amanhados; e o camponez a custo livrava as magras colheitas das depredações dos soldados do fisco, quando não via saqueada a sua propriedade, para com o pão de seus filhos se comprarem os diamantes que iam ornar o collo de alguma nomeada cortezã.

A sociedade parecia comprazer-se na propria dissolução.

E, comtudo, no meio d'este quasi geral esphacellamento, a vista experimentada poderia entrever já o primeiro arrebol d'essa aurora immensa que havia de allumiar o mundo, e inaugurar para os povos uma nova era de progresso e prosperidade. Como que se sentia o aproximar de uma d'essas transformações que são como marcos milliarios no caminho da humanidade; e se ouvia já o som produzido pelos mineiros

que desconjuntavam os mais fundos alicerces do velho edificio social, para em seu logar plantarem a arvore virente da liberdade.

De todas as partes se congregavam os elementos que haviam de produzir a grande revolução destinada a derrocar a sociedade antiga.

O despotismo, embora conservando ainda erguido o collo, começava de perder terreno.

Um novo elemento, vigoroso e independente, ia surgindo d'entre as antigas classes da sociedade, e aprestava-se para reclamar o logar a que tinha direito na organisação politica e social. Poderosa pela importancia que lhe provinha da industria e do commercio, a classe média acolhia de boamente as idéas de regeneração que iam calando nos animos, e preparava-se para avançar na frente quando se tratasse de dar batalha decisiva ás velhas instituições.

Tudo se conspirava para lavrar o epitaphio á antiga constituição das sociedades.

A primeira victoria da liberdade fôra alcançada já pela nação destinada desde essa epocha a ser, na Europa, o sustentaculo de todas as idéas grandiosas e o refugio seguro de todos os opprimidos.

Quem de relance examinasse o estado da Inglaterra na primeira metade do seculo XVIII, e o confrontasse com o das outras nações da Europa continental, talvez asseverasse que não levava vantagem em moralidade a corte de Kensington á de Versailles, por exemplo, e que o povo inglez não era nem mais morigerado, nem mais feliz do que o dos outros paizes do mundo civilisado. Profunda differença se encontraria, porém, se demoradamente se estudasse a historia d'essa grande nação, e se apreciassem as suas liberaes instituições, já então asseguradas pela revolução de 1688.

Em quanto na restante Europa a luz nova que devia afugentar as trevas do despotismo mal se entremostrava ainda no horisonte, na Inglaterra o sol da liberdade diffundia o seu calor benefico por todas as camadas sociaes. Começava a construir-se alli, sobre as ruinas do poder despotico, o solido edificio onde deviam ter culto todas as liberdades.

Na Inglaterra foram retemperar-se por essa epocha alguns dos mais eminentes engenhos, e das liberdades do povo inglez tiraram ensinamento para as doutrinas que depois propagaram, e que poderosamente contribuiram para a immensa revolução do seculo XVIII.

Voltaire, que as prepotencias de alguns compatricios tinham para alli desterrado, não ganhou pouco com viver por algum tempo em contacto com um povo onde a liberdade dominava já nas instituições e nas idéas. Nas suas *Lettres philosophiques*, publicadas em 1726, dizia elle:

«A nação ingleza é a unica que chegou a regular o poder dos reis, resistindo-lhes, e que, de esforço em esforço, conseguiu estabelecer um governo sabio, em que o principe, omnipotente para fazer o bem, tem as mãos presas para fazer o mal; em que os senhores são grandes, sem insolencia e sem vassallos; e em que o povo participa do governo sem confusão.»

O que valiam para o povo inglez a segurança e a liberdade, infere-se principalmente do desenvolvimento rapido que ganhavam então a industria e o commercio, e da poderosa actividade manifestada quando, mais tarde, foi necessario não poupar esforços para compensar a perda da mais importante colonia.

A agricultura, que nos outros paizes jazia extenuada por falta de protecção e de impulso, entrára na Inglaterra, desde 1688, em um periodo de actividade que a elevou em pouco tempo ao maior grau de esplendor.

Definitivamente ligada á Inglaterra, com a qual constituia desde 1707 o reino da Gran-Bretanha, a Escocia, não obstante acompanhar a passos apressados a nação rica e industriosa, á qual estava associada, e ver transformar-se o seu solo, até então desprovido de riquezas e singularmente atrazado na agricultura, sob o influxo dos capitaes e dos exemplos do paiz visinho, apresentava, no seu desenvolvimento moral e politico, uma feição particular, que lhe provinha principalmente do modo por que a revolução religiosa alli se operára.

A historia mostra-nos que na Inglaterra as luctas politicas e religiosas terminaram as mais das vezes pela conciliação entre os partidos oppostos; sendo estas victorias do bom senso que tem poupado aos inglezes as catastrophes que são o apanagio inevitavel da exaggeração dos principios.

Na Escocia as revoluções tiveram sempre caracter mais radical. O presbyterianismo, forte pela independencia e austeridade que o caracterisam, se viu triumphar os seus principios, e contribuiu para radicar ainda mais fundo no coração dos filhos da Escocia o amor da liberdade, não o conseguiu sem por vezes alimentar e fortalecer o fanatismo e a intolerancia, cujos vestigios não é difficil ainda reconhecer hoje quando se estudam os costumes do povo escocez.

Os excessos do presbyterianismo haviam de naturalmente dar logar aos excessos contrarios; e por isso aos desvarios do partido religioso seguiram-se por algum tempo as duvidas e as exaggerações do scepticismo.

Na litteratura e na sciencia, ao revez da Inglaterra, onde dominava o caracter experimental e pratico, tiveram curso então principalmente os principios especulativos. É esta, no seculo XVIII, a physionomia original de quasi todos os escriptores escocezes.

Na verdade, se se compararem as obras dos homens mais eminentes da epocha, na Escocia e na Inglaterra, conhecer-se-ha immediatamente a differença indicada. Seja qual for o assumpto tratado, ha de encontrar-se, com rarissimas excepções, nos auctores inglezes a tendencia para não assentar raciocinios senão sobre factos, e poder-se-hão seguir passo a passo os progressos que vão realisando em Inglaterra, em todos os ramos da actividade humana, os principios e as theorias do immortal auctor do *Novum organum*. Ao contrario, nos auctores escocezes será facil reconhecer a ausencia das idéas praticas, e notar-se-ha que em quasi todas as suas obras o espirito procedeu não por analyse, mas por synthese.

A independencia e a energia moral, que por tanto tempo se haviam exercitado nas luctas da politica e da religião, dando sempre prova de quanto eram capazes as virtudes severas do povo escocez, volveram-se, no remanso da paz, para as pugnas incruentas da sciencia e da philosophia.

Foi n'essa epocha que a Escocia viu apparecerem alguns dos seus mais ousados pensadores; e póde inscrever nos seus annaes scientificos e litterarios, falhos havia muito tempo de nomes illustres, os de alguns dos homens mais notaveis do seculo XVIII, cuja sciencia lançou um brilho immenso no resto do mundo e ficou memorada por obras immorredoiras.

Extensa é a lista dos homens eminentes que floresceram por então na Escocia, alguns dos quaes, como Hume, Hutcheson, Robertson e Adão Smith, bastariam para illustrar um paiz, se elle não houvera conquistado por outros titulos honroso logar na historia do mundo civilisado.

Mas assim como o sol, surgindo no horisonte, offusca o brilho de todos os outros astros, assim o nome de Adão Smith parece o unico que de todo aquelle grande cortejo de homens illustres está destinado a passar á posteridade. Poderá o tempo apagar a memoria do eminente sceptico e historiador apreciado da Inglaterra, do fundador da philosophia escoceza, do illustrado biographo de Carlos V, que não será capaz de entregar ao esquecimento o nome justamente respeitado do fundador da economia politica.

(Continúa) T. DE C.

A PASSAGEM DO BOJADOR

I

EM SAGRES

O vento do mar soprava rijamente nas agruras do promontorio Sacro, onde se erguia a villa do Infante; a onda furiosa quebrava nas penedias escalvadas, que formam um parapeito natural e altissimo, d'onde o espectador contempla o Oceano profundo e irado a tentar debalde ultrapassar os limites que a mão da Providencia lhe impoz. Algumas arvores raras e enfezadas estorciam-se gementes ao sôpro agudo do noroeste. Era triste a paizagem, nebulosa a tarde, e os ultimos raios do sol, que se escondia no occaso, apenas tingiam com desmaiada côr a crista espumea das vagas.

Dois homens passeiavam entre os rochedos, indifferentes á impressão desagradavel que o vento cortante, que lhes sibilava aos ouvidos, produzia em quem se expunha ás inclemencias d'essa tarde do principio da primavera. Estava-se em março de 1434.

Um dos dois homens, alto e forte, de physionomia um tanto severa, mas que os olhos, cheios de viveza e de luz, abrandavam quando a indulgencia lhe scintillava nas pupillas, fallava com energia, em quanto o outro escutava com deferencia e respeito.

O primeiro era o infante D. Henrique, filho del-rei D. João I, e irmão do monarcha reinante, D. Duarte; chamava-se o seu interlocutor Gil Eanes, e era natural da proxima villa de Lagos.

— E não ousastes ainda, Gil Eanes? dizia o infante. Pois sois denodado e audacioso, que eu bem o sei! Mas que tem esse cabo Bojador, que tal susto vos infunde a todos, assim que o divisaes de longe? São outros mares aquelles? tem outro aspecto as ondas? as procellas, que tão socegadamente affrontaes aqui no mar do Algarve, ou na bahia de Biscaya, ou nos estreitos de Inglaterra, onde são peiores, apavoram-vos só porque erguem a voz rugidora junto de desconhecidas terras? Voto a Christo que tinha mais confiança na vossa bravura, Gil Eanes!

— Senhor, redarguiu Gil Eanes, dizem que para aquelles lados a terra é mais baixa que o mar, que o sol queima as praias escalvadas, e que as correntes impetuosas arrastam com irresistivel força os navios para terriveis paragens, onde a morte é certa.

— E quem vos diz isso? tornou o infante com intimativa. Quatro marinheiros que nunca saíram da carreira de Flandres, e que julgam que tudo o mais são africas impossiveis! Se a natureza para além do cabo Bojador tem mysterios, não vos sentis com animo de os devassar? Se a empreza fôra pequena, não vol-a confiára, Gil Eanes; qualquer maritimo me serviria. Os homens de altos espiritos são para as altas façanhas.

— Senhor, tornou ainda o marinheiro, a um tempo lisonjeado e envergonhado com o elogio; se os perigos fossem de natureza terrestre, não temeria eu lançar-me a elles, e com jubilo procuraria a morte, se para vosso serviço fosse necessario. Mas eu jogo a alma arriscando-me a esses mares onde o demonio impera!...

— Não cingis uma espada, Gil Eanes? perguntou o infante.

— De que serve a espada, senhor, contra inimigos infernaes?

— A espada de um christão tem lamina e tem cruz: lamina bem temperada para derribar os infieis, cruz bemdita para afugentar os espiritos maus.

Gil Eanes conservou-se algum tempo em silencio.

— Mas, senhor, redarguiu elle, os mareantes affirmam que no cabo Bojador levantou ignota mão estatuas mysteriosas, que guardam esses mares, e que prohibem aos homens a passagem. É de certo com o consentimento de Deus que taes estatuas lá campeiam, e o aviso que dão aos navegantes não póde deixar de ser um aviso da Providencia.

— E quem as viu? tornou D. Henrique meio impaciente. Ninguem. Credulos sonhos formados pela imaginação timorata dos que se acolhem ao porto apenas vêem acastellarem-se no horisonte as nuvens, e ennegrecerem as ondas ao primeiro sôpro da procella! Não julgaram os antigos que Hercules levantára no estreito de Gibraltar uns pilares com uma inscripção defendendo aos humanos a entrada no Atlantico, por ser elle o mar das trevas? Bastas vezes tendes atravessado o estreito, Gil Eanes! Vistes por acaso os pilares, lestes a inscripção? D'aqui d'onde estamos divisa-se até ao extremo horisonte a amplidão do Oceano. O que tem elle de tenebroso? A sombra que a noite, que principia, lhe espraia sobre as ondas. Quando resplende o sol, não brincam tão docemente os seus raios de oiro na espuma do seu dorso, como podem voltear sobre o lucido cristal das aguas do Mediterraneo? É mais severo este nosso velho leão, é mais alto o seu rugir, são mais tremendas as suas iras, do que as coleras femininas do mar interior! Talvez por isso mesmo eu lhe queira mais; parece-me ler n'elle melhor a grandeza do Omnipotente, do que a leio no Mediterraneo, assim como a percebo melhor nas viris apostrophes de Isaias do que na mystica doçura do *Cantico dos canticos*.

E o infante contemplou com amor o velho Oceano, que encurvava a juba e arremessava as suas ondas de encontro á penedia, onde quebravam com estampido, arrojando aos ares uma nuvem de scintillante espuma.

Gil Eanes abaixou a cabeça e não respondeu.

— Ah! pois eu não sou ingrato, continuou o infante com amargura. Que perigos ha no mundo tão grandes que não vos anime a affrontal-os a certeza de que obtericis recompensa superior a tudo quanto podesseis sonhar?

Gil Eanes interrompeu-o de subito.

— Não falleis assim, senhor, disse elle erguendo a cabeça. Não me falleis em recompensas; servir-vos é o que eu desejo, e, se um ignoto pavor se não houvesse apoderado de mim e dos meus quando o anno passado chegámos á vista do cabo, já o mysterio estaria desvendado, ou nós todos jazeriamos no fundo das aguas. Mas, senhor, não será tentar a Deus perseverar n'uma empreza diante da qual todos... todos tem recuado?...

— Não, meu amigo, tornou o infante com ardor, não, porque as nossas intenções são puras e santas. O que desejâmos nós? Alargar o dominio do christianismo, propagar a fé até aos confins do mundo, procurar esse mysterioso monarcha, nosso correligionario, que vive entre gentios, esse Prestes-João, de que houve remota noticia pela embaixada que enviou ha seculos ao santo padre de Roma. Com esses pios intentos, Gil Eanes, póde-se entrar illeso até no proprio inferno. Para visitar as regiões sombrias, aos mortaes defesas, colheu Enéas no bosque mysterioso o ramo de oiro protector. Mas onde ha ramo de oiro conhecido das sibyllas que seja melhor talisman do que a propria cruz de Christo? Empunhae a cruz, Gil Eanes, tende fé, e vereis dissiparem-se os vãos prestigios com que o demonio vos aterra. Ai! continuou elle exaltando-se, sonhei que aos portuguezes estava reservada a gloria de alargar os limites do mundo conhecido, de derramar a luz no Oceano! Acreditae-me! Deus não condemnou a sua propria obra, tornando inhabitavel uma tão grande porção do planeta onde collocou o homem; e quando o exilou do paraiso deu-lhe ao menos a terra inteira para morada. Aos pagãos da antiguidade, que o blasphemavam, que estavam

ainda debaixo do peso do peccado original, negou elle o conhecimento do mundo; mas se Christo veiu para nos redimir, por que não nos conduzirá elle tambem de novo ao paraiso terrestre? A columna de fogo não guiava os israelitas á terra promettida? Quem sabe se a doce estrella do Calvario não nos deve guiar tambem á radiosa habitação dos nossos primeiros paes? Confiados n'ella, vamos trilhando o caminho espumoso do pelago! A estrella dos reis magos conduziu-os ao berço do Redemptor, a estrella da religião talvez nos conduza ao berço da humanidade! E que gloria para Portugal se fossemos nós o povo escolhido! Encurralados entre o mar e Castella, parece que nos quiz Deus negar a faculdade de respirarmos livremente; quem sabe se nos deu isso antes como incitamento para desafogarmos pelo Oceano? A empreza é digna de nós, Gil Eanes, que somos filhos dos heroes de Aljubarrota. Vejo a cada instante partirem cavalleiros portuguezes para se illustrarem com feitos d'armas no estrangeiro. Lá andou por Borgonha, França e Italia Soeiro da Costa, o nosso valente alcaide de Lagos; lá andou por Inglaterra D. Alvaro Vaz de Almada; andou tambem por Allemanha o meu irmão D. Pedro. Praticaram generosas façanhas? Quem as não pratica na Europa? Valentes cavalleiros tem meu cunhado Filippe, o duque de Borgonha; valentes cavalleiros pelejam á sombra da bandeira de Carlos VII de França; briosos fidalgos tem na sua corte meu primo Henrique VI de Inglaterra. Todos aparam e distribuem cutiladas. Mas qual d'elles ousaria medir-se com os perigos do Oceano? Talvez nenhum. Pois essas emprezas, diante das quaes os outros recuam, eram as que nós deviamos tentar. Fomos embalados com o rugir da vaga, affrontemol-a peito a peito, e saibamos arrancar-lhe do seio as perolas que lá jazem occultas.

— Que grande sois, senhor! exclamou Gil Eanes como que aterrado.

— E entretanto, continuou o infante, os meus presentimentos não me enganam. Ilhas a que talvez já os nossos portuguezes abordaram quando meu bisavô Affonso IV enviava os seus marinheiros ás Canarias, e de certo mais longe ainda, appareciam vagamente designadas nos mappas; suppuz que essas ilhas não estavam alli por acaso, enviei cavalleiros meus a demandal-as, e Zarco arrancou-me das ondas aquella preciosa Madeira, e Gonçalo Velho lá me anda desentranhando do alto mar novas ilhas, que serão talvez um archipelago. Para além do Bojador, Gil Eanes, não traçam os mappas senão linhas confusas. Não poderei eu substituil-as pelos contornos reaes da costa africana? Essa gloria que eu sonhava não me estará reservada? Oh! de certo que hei de realisar o meu sonho. Lançar-me-hei eu sósinho com um piloto no primeiro batel que se me deparar, e verei se a fortuna de Cesar virá tambem poisar a mão no leme do meu barco.

— Oh! senhor! exclamou Gil Eanes.

— Talvez então me sigam os que hoje tremem, continuou o infante; quando diante de Ceuta houve soldados portuguezes que ousaram duvidar da bravura de um filho do mestre de Aviz, jurei que seria eu o primeiro ou o unico a saltar em terra, porque não me importava saber se me seguiriam ou não. Atropellaram-se todos nos bateis para me acompanharem; mas talvez hoje não succedesse o mesmo, porque os soldados de Ceuta, que não tremiam diante dos moiros, tremem diante de phantasmas que só deviam amedrontar crianças.

— Oh! não será assim, senhor, bradou Gil Eanes exaltado, não precisareis de tal. Aqui vos juro em presença do Oceano que demandarei o cabo Bojador, e que só voltarei a Portugal depois de o ter dobrado, ainda que todos os demonios do inferno estejam apostados a impedir-me a passagem.

O som rouco do mar, quebrando nas penedias, dava uma solemnidade terrivel a esse juramento, que o leão das aguas era obrigado a testimunhar.

O infante D. Henrique estendeu a mão a Gil Eanes.

— És um bravo, disse elle.

— Senhor, tornou o marinheiro beijando-lhe a mão, se a minha barca não tornar quando o Oceano soar assim tristemente batendo nos rochedos de Sagres, se vos parecer ouvir uns gemidos vagos entre o referver das ondas, rezae um Padre-Nosso por alma do vosso servidor.

O infante só respondeu estreitando-o nos braços.

Descêra a noite; mas o mar aplacára as suas furias, e no ceo estrellado parecia sorrir a esperança.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

MAÇA DE PRATA

QUE SE GUARDA NA SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA DESDE O SECULO XVI

Esta maça, ou clava, sempre acompanhava o provedor e a mesa da santa casa da Misericordia de Lisboa em todos os seus actos publicos. Foi mandada fazer no reinado del-rei o sr. D. Manuel, sendo provedor da santa casa D. Alvaro da Costa [1]. É tradição ser obra de Gil Vicente [2], celebre artista lavrante da rainha a sr.ª D. Leonor, viuva del-rei o sr. D. João II. Sobre o capitel da columna está uma urna, e n'ella esculpidos quatro baixos-relevos: em um se vê representada a Visitação da Senhora a Santa Isabel [3]; em outro a distribuição do comer aos presos no carcere (como se vê na gravura junta); em outro o acto do casamento; e em outro o acto da encommendação de um morto. No tôpo uma esphera armillar del-rei o sr. D. Manuel, que era a sua empreza; e ao longo da maça uma cadeia egualmente de prata. Na referida maça excede muito o valor da mão d'obra ao do metal de que é feita.

Quem levava antigamente a maça era um dos continuos da mesa, que eram sete, a quem chamavam *homens do azul*, porque trajavam capa azul e balona, ao que hoje chamam bacalhau ou volta singela.

A maça significa grandeza e poder. A mesa da santa casa da Misericordia de Lisboa jámais deve prescindir d'esta sua formalidade antiquissima da maça em todos os seus actos publicos; e, além d'isso, pela memoria del-rei o sr. D. Manuel, grande bemfeitor d'esta santa casa, que a mandou fazer e usar.

A estampa é copiada de uma photographia pelo habil lapis do sr. Leipold, e a gravura é do sr. Caetano Alberto X.

ROMA

O MAUSOLÉO DE ADRIANO E CASTELLO DE SANTO ANGELO

(Vid. pag. 313)

II

A orgulhosa Roma, que por tantos seculos dominára como senhora absoluta em quasi toda a Europa, e em grande parte da Asia e da Africa, viu-se em fim avassallada pelos inimigos que mais desprezára durante o periodo do seu poder e gloria. Esses povos septentrionaes, que ella designava desdenhosamente com o epitheto de *barbaros do Norte*, vieram sitial-a no anno de 410, capitaneados pelo seu rei, Alarico. A opulenta capital dos Cesares fôi tomada e saqueada, e os ven-

[1] E armeiro-mór del-rei o sr. D. Manuel.

[2] Que foi o lavrante da classica custodia do ex-mosteiro de Nossa Senhora de Belem.

[3] A Visitação de Nossa Senhora é o orago da santa casa da Misericordia.

cedores saciaram a sua vingança contra antigas affrontas, prostrando por terra muitos monumentos sumptuosos.

O mausoléo de Adriano foi despojado de todas as riquezas que o guarneciam interiormente, e que eram muitas e de grande valia, pois que os soberanos que succederam ao fundador, e que o destinaram tambem para sua ultima morada, empenharam-se em adornar com variados primores de arte, esculpidos em marmore e metaes preciosos, as salas que deviam servir de jazigo a cada um d'elles e ás suas respectivas familias. Todavia, os soldados de Alarico, apesar da sua bruteza e selvageria, não levantaram mãos contra as magnificencias exteriores do monumento.

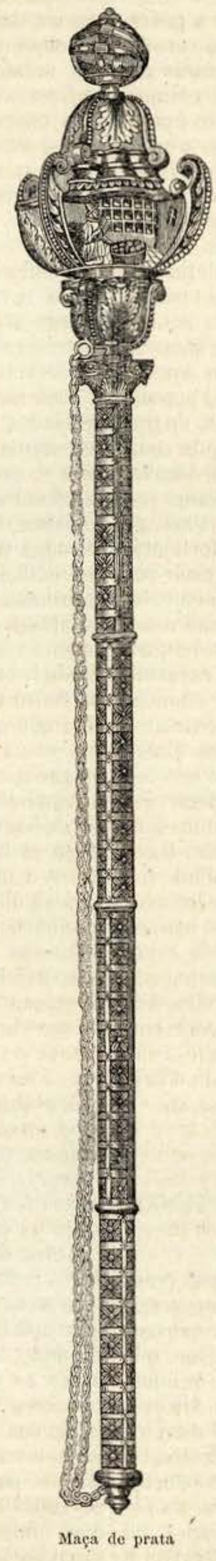
Apenas o inimigo evacuou a cidade, cuidou o imperador Honorio, então reinante, de melhorar a defensa d'ella. Levado d'este proposito, cercou o mausoléo de Adriano com uma muralha quadrangular, que o poz nas condições de uma cidadella. Com esta obra ganhou bastante a segurança de Roma, se não pela qualidade da fortaleza, ao menos pela importancia da sua posição. Porém d'este modo se preparou a ruina do famoso monumento de Adriano.

Desde aquelle momento ficou sendo alvo dos ataques de quantos invasores se apresentavam ás portas de Roma. E não foi sómente n'essas occasiões que o sepulchro dos imperadores romanos foi convertido em theatro de guerra. Durante as longas discordias civis que ensanguentaram o seio de Roma, cada partido disputava a seu turno a posse d'elle, violando com o estridor das armas a paz dos mortos. D'est'arte, no decurso de alguns seculos, foi o monumento tomado e retomado pelos godos, byzantinos, romanos, normandos e francezes. Porém os primeiros que n'elle exerceram crueis devastações, depois das espoliações feitas pelos soldados de Alarico, foram os proprios romanos. Em março do anno de 538, achando-se Roma novamente sitiada pelos godos, e vendo-se desprovidos de projectis os defensores da fortaleza-jazigo, ousaram estes despedaçar as formosas estatuas que decoravam o monumento, para arremessar contra o inimigo os fragmentos de tão primorosas esculpturas.

Começada assim a obra da destruição, o vandalismo não poz mais limites ao seu furor. As galerias de columnas que ornamentavam o segundo e terceiro corpo do edificio foram totalmente desfeitas, e as columnas serviram para decoração do atrio e da basilica de S. Paulo, fóra dos muros. Infelizmente, de tão grande quantidade de columnas não resta hoje uma só. Em vez de marmore, são de granito as oitenta columnas que ao presente dividem aquella basilica em cinco naves.

No anno de 608, o papa Bonifacio IV construiu na parte mais alta do edificio uma capella da invocação de Santo Angelo. O celebre tribuno Crescencio apoderou-se d'este edificio no principio do seculo X, e d'ahi dictou leis a Roma até ao anno de 928. N'esse periodo denominou-se o mausoléo *castello de Crescencio*.

Tendo rebentado uma sublevação popular na cidade no anno de 1091, as auctoridades acolheram-se ao mausoléo-fortaleza, e ahi resistiram por algum tempo aos accommettimentos da multidão. Porém o povo triumphou em fim, e, para se vingar da resistencia tenaz que lhe oppozeram, esforçou-se por destruir o monumento. Não conseguiu realisar o seu intento, porque a solidez da construcção fel-o esmorecer e desistir do empenho em meio dos seus trabalhos de assolação. Mas os que chegou a executar foram bastantes para desfigurar inteiramente a obra grandiosa do imperador Adriano.



Maça de prata

Em 1378, por morte do papa Gregorio XI, dois pontifices disputaram a successão da cadeira de S. Pedro. Em quanto Urbano VI era acclamado em Roma, Clemente VII fazia-se coroar em Avinhão. Este scisma, que por longos annos dividiu e affligiu a christandade, provocou em Roma graves conflictos, lançando a cidade nos horrores da anarchia. O povo, tomando partido por Urbano VI, perseguiu os prelados que se declararam por Clemente VII, e, como estes se refugiassem no jazigo-fortaleza, ahi os poz em apertado cêrco durante seis mezes. A fortaleza caíu alfim em poder dos populares, cujo furor se exerceu principalmente contra as muralhas, que por tanto tempo lhe embargaram o passo e embotaram as armas. O monumento foi então despojado das ultimas reliquias da sua magnificencia. Nem sequer lhe deixaram as grandes pedras de marmore que revestiam todo o primeiro corpo. Assim ficou reduzido a uma massa quasi informe de alvenaria o soberbo mausoléo, que por tantos seculos fôra a admiração das gentes, e que soube até respeital-o, como maravilha que era, a primeira nação barbara que entrou victoriosa em Roma.

Durante o assedio foram descobertos muitos subterraneos, que se cruzavam no edificio, desde o envasamento até ao mais alto d'elle, pelo interior de suas grossas paredes. Consistiam esses subterraneos em salas espaçosas, extensos corredores e rampas, com largura sufficiente para por elles caminharem a par dois cavalleiros ou cinco homens a pé. Toda esta construcção, pavimento, paredes e abobada, era feita de tijolos.

Pelos annos de 1390, os habitantes de Roma offereceram uma somma consideravel ao papa Bonifacio IX para este pontifice ir alli celebrar o jubileu. Porém Bonifacio IX aproveitou-se da maior parte d'esse dinheiro para fazer dos restos do mausoléo de Adriano uma fortaleza melhor que a antiga, destinada principalmente a impor a esta cidade respeito e obediencia á auctoridade pontificia.

Passado um seculo, houve no recinto do edificio a explosão de um pequeno paiol de polvora, que causou consideraveis estragos. Alexandre VI, que então cingia a tiara, apressou-se em reparar a fortaleza, accrescentando-lhe um largo e profundo fosso, e outras obras, com que a poz em melhores condições de defensa. O mesmo pontifice construiu a torre sobre a qual mandou collocar a estatua colossal, em marmore, do archanjo S. Miguel; e desde esse momento a fortaleza ficou-se chamando *castello de Santo Angelo*.

Alexandre VI, da celebre familia Borgia, que tantos odios excitou contra si, lembrou-se, por occasião d'aquellas obras, de abrir uma communicação do castello de Santo Angelo para o palacio do Vaticano, por meio de um viaducto construido em parte através das mu-

ralhas da cidade. Quando, em 1523, o exercito do imperador Carlos v, commandado pelo condestavel de Bourbon, sitiou a cidade de Roma, foi por este viaducto que o papa se refugiou no castello de Santo Angelo, ao tempo em que os sitiadores se assenhoreavam do palacio do Vaticano.

No pontificado de Paulo III, que principiou a governar em 1534, fizeram-se importantes obras no castello de Santo Angelo, sobre tudo de pintura e outras decorações na capella e nas salas, devidas a eximios artistas. Por ordem d'este pontifice alli esteve encarcerado por algum tempo Benevenuto Cellini, o mais insigne esculptor em metal que existiu no seculo XVI.

N'esse mesmo seculo, correndo o anno de 1561, foi justiçado o cardeal Caraffa em um quarto do castello de Santo Angelo, por mandado do papa Pio IV.

É longa a historia dos carceres d'esta fortaleza, não só pelo avultado numero dos infelizes que ahi tem gemido entre ferros, mas tambem pela qualidade de muitos dos presos, ou por circunstancias que os fizessem notaveis. D'esta extensa lista mencionaremos apenas um, que á celebridade que adquiriu no mundo por sua impostura e traficancias juntou um terrivel acto de tragedia, com que o seu nome ficou lugubremente commemorado nos annaes do castello de Santo Angelo. José Balsamo, siciliano, que figurou em França no reinado de Luiz XVI com o falso titulo de conde de Cagliostro, achando-se encarcerado n'esta fortaleza, em 1789, concebeu o plano de fugir da prisão por meio de um crime. Fingiu-se gravemente doente, e, mostrando apprehensões de que estava proximo o seu fim, pediu que lhe chamassem um frade capucho para se confessar. Veiu, com effeito, o frade. O supposto penitente começou a confissão com voz tão sumida, que foi mister que o frade, para o ouvir, aproximasse o mais possivel o ouvido dos labios do enfermo. Então José Balsamo lançou rapidamente as mãos ao pescoço do confessor, tentando matal-o para se apoderar dos seus habitos e com este disfarce sair do castello. Empenhou-se entre os dois uma lucta desesperada. Posto que o preso fosse homem possante, e além d'isso lhe désse forças o ardente desejo da liberdade, e lhe proporcionassem grande vantagem o improviso do accommettimento e a posição da victima, debruçada sobre a cama, era o frade capucho tão agil e robusto, que luctou e gritou até que lhe acudiu o carcereiro. Todavia, saiu muito maltratado das mãos d'aquelle embusteiro, que, estando preso por pedreiro livre á ordem do santo officio, alli morreu no anno de 1795.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

(Conclusão. Vid. pag. 319)

Nos conventos havia legistas profundos, que eram consultados pelas partes nos seus negocios forenses, e escolhidos para formular os arrazoados mais importantes; havia canonistas e moralistas consummados, que resolviam os casos de consciencia dos povos, e intervinham na composição entre os litigantes; havia prégadores com reconhecido estro oratorio, que ostentavam as galas da sua erudição nas principaes festividades; havia, finalmente, bibliothecas dos mais selectos livros de todas as sciencias, de todas as artes, da litteratura antiga e moderna, nacional e estrangeira. Os frades andavam ao corrente de todas as invenções e publicações, e recebiam em todas as monções novos e abundantes livros; e calcule-se quanta luz elles espalhariam entre os povos, que não tinham conhecimento de outras obras que não fossem de devoção; que nunca tinham comprado livros, nem podiam compral-os nas livrarias que não existiam; e cuja maior parte de homens, que seguiam a vida clerical, ou a de advogados e medicos, se contentavam com os que tão sómente lhes eram indispensaveis para a sua profissão. Ter livros que servissem de honesto e proveitoso passatempo era o privilegio de poucos, e bastava tel-os um ou outro para muitos os lerem e estudarem. N'aquelles tempos os theologos e os legistas aprenderam assim. Não devemos admirar que houvesse tanta falta de livros nos seculos em que começavamos a sacudir o pó do obscurantismo, se compararmos os annos que foram com os que correm, em que, apesar do notavel progresso litterario, são raras as melhores obras portuguezas, e rarissimas as estrangeiras, comparativamente a muitos que podem lêl-as.

V

A influencia dos religiosos operou tambem uma profunda revolução nas artes. Elles substituem á architectura indiana a architectura européa, e os mesmos instrumentos que abatem os monumentos do gentilismo levantam outros da religião e piedade christã. Força é confessar que nenhum de tantos pagodes que foram arrasados, e dos subterraneos que foram entupidos, representava a magnificencia da architectura que ainda hoje se admira na India, e o esforço quasi sobrenatural dos troglodytas, que se estuda na pedra muda de Elefanta, tão magistral como exactamente copiada nas *Décadas* do nosso Diogo do Couto. Se Goa perdeu esses edificios modestos, teve em compensação tantos conventos e egrejas, cada um mostrando uma ordem de architectura, e uma epocha de esplendor ou de decadencia portugueza, o afortunado reinado del-rei D. Manuel, ou os tempos lastimosos de D. Affonso VI e de D. Pedro II, e tendo todos essas proporções gigantescas, que quasi que fendiam os ares, e que, collocados em grupo em uma pequena cidade, fizeram d'ella a magnifica metropole do maior imperio que viu a Asia. A amplidão e a claridade que tinham esses edificios symbolisavam a libertação do espirito, resgatado pela fé da escravidão do paganismo, assim como a escuridão e a monotonia dos pagodes, que suffocavam a alma, significavam a solidão do coração, e a prisão da intelligencia succumbida pela tyrannia da superstição. Os povos viviam tão comprimidos nos pagodes como nas suas habitações, tão acanhadas como as suas aspirações, tão fechadas á luz como a sua intelligencia. Com o christianismo surgiram espaçosas casas; rasgaram-se as suas janellas, em vez de raras fenestras; poz-se-lhes a cimalha; dividiram-se em tantas repartições quantas eram bastantes para receberem as visitas *(ossoró)*, para deixar o cadaver antes de ser levado ao cemiterio *(culi)*, para dormir *(oiri)*, para jantar *(vassiri)*; fabricaram-se as retretes; e fecharam-se as portas á chave. Mais tarde vieram as salas, as camaras e as casas de jantar.

Antes dos portuguezes existiam artifices condemnados á rotina, incapazes de fazer mais do que haviam feito seus paes. Os jesuitas, que tinham no seu gremio artistas de todas as nações, dirigem-n'os com o exemplo, e sob a sua direcção elles podem concluir obras as mais difficeis. Na construcção dos edificios religiosos e dos seus ornamentos apparecem artistas indigenas. O seu pincel, embotado em esculpir imagens toscas, imprime na pedra as inspirações christãs. O seu pincel já não delineia no vidro, por meio de tintas grossas, os emblemas do theomorphismo; mas, guiado pelos pintores italianos, abre traços admiraveis no panno e no papel. O marceneiro trabalha com mão delicada no pau santo. Já não ha arte que os frades não aperfeiçoem; elles vivificam todas as profissões mecanicas; e, em quanto não se extinguem as ordens religiosas, estas chegam ao adiantamento que com o tempo, por falta do incentivo e do trabalho, se perde em vez de progredir.

VI

Depois das corporações agricolas e do estado, que conservam amortisadas nas suas mãos as terras de Goa, os religiosos foram os maiores proprietarios, e sob o seu dominio estavam vastos terrenos, uns comprados á custa do dinheiro das missões, e outros doados pelos homens poderosos, que criam fazer acção meritoria em presença de Deus repartindo pelos conventos parte da sua fortuna, ou julgavam expiados os seus peccados e perdoadas as suas depredações commettidas em vida, legando na morte uma porção d'ellas ás casas de Deus.

Os jesuitas possuiam mais que todos os outros frades. Todos os bens que os povos no gentilismo haviam cedido aos pagodes, como dizimo devido a Deus, foram applicados na dominação portugueza ao serviço das egrejas, e doados á Companhia de Jesus; e a esses bens *(namoxins)* elles reuniram terras aforadas ás corporações agricolas, e aldeias offerecidas pelos particulares. Em toda a parte os palmares dos religiosos foram bem cultivados. Os jesuitas foram os primeiros que estudaram a sciencia agricola, e pela sua experiencia introduziram varios methodos. Se elles não aperfeiçoam o processo da cultura do arroz, se não inventam novos instrumentos, se não tentam novos meios de aproveitar as aguas, conhecem, comtudo, o melhor modo de cultivar a mais util e famosa das arvores — o coqueiro, e á luz da pratica escrevem a arte palmarica, hoje tão divulgada em todas as terras portuguezas [1], pela qual são vulgarisados processos acertados, tentativas bem succedidas, e regras exactas para a cultivação dos palmares da India, tão celebrados pelos poetas e prosadores, e a cuja sombra vivem e se sustentam os povos asiaticos. As suas experiencias ruraes chegam além. Elles apreciam a melhor fruta de Goa — a manga, e, introduzindo os enxertos nas mangueiras, criam uma variedade d'ella, tornando-a mais deliciosa no gosto e agradavel á vista. Cada especie d'essas mangas tem hoje uma denominação, tal como a manga *affonsa, costa, xavier, fernandina, collaça*, etc.; e, investigando a sua origem, conhece-se que cada qualidade da manga tomou o nome correspondente ao appellido do jesuita que a creou por meio do enxerto. Os frades conheceram todas as hervas medicinaes, todas as plantas dos jardins, e de todas tiveram hortas bem providas; e só aos seus desvelos podêmos attribuir este pequeno incremento na agricultura de Goa, que, devendo ser melhor explorada, participa, como o mais, da classica immobilidade indiana.

VII

Dos serviços que mencionámos, e de outros que restam para serem registados, e que os frades prestaram á fé e á civilisação em Goa, se vê que elles foram os mais empenhados civilisadores de que os conquistadores se serviram para implantar o progresso n'esta terra. Grandes em tudo, os religiosos da India tiveram dotes superiores, com que nos regeneraram, e defeitos condemnaveis, com que algumas vezes renegaram as lições do Divino Mestre e de S. Francisco Xavier, opprimindo os indigenas, negando-lhes as consolações espirituaes como indignos, guiando-se pelas maximas subversivas da sua politica na educação dos povos, e, finalmente, revelando o desregramento da vida e do instituto. As bullas dos papas feriram-n'os profundamente em diversos tempos, e as accusações que n'ellas lhes dirigiram não podem ser taxadas de exaggeradas, porque para as provar estão documentos insuspeitos na secretaria do governo de Goa. Nós, os herdeiros de tantos beneficios moraes e materiaes, devemos esquecer os erros que commetteram e o abatimento lastimoso em que caíram, para só lembrarmos e agradecermos os esforços incessantes que empregaram, e os sacrificios sem conta que fizeram para nos abrir as portas do ceo e as da civilisação. Nunca se risca a memoria dos primeiros mestres, e a saudade dos discipulos os acompanha até além do tumulo. Proscriptos os jesuitas em 1759, e extinctos os outros conventos em 1835, a recordação do muito que fizeram está indelevel no coração dos povos, e para a saudade ser profunda mais podem os serviços que deixaram inscriptos em tantos monumentos, do que as culpas e crimes que lavraram a sua condemnação.

Margão (Goa), 11 de agosto de 1868.

J. C. Barreto Miranda.

[1] Foi publicada em Lisboa pela primeira vez no *Boletim e annaes do conselho ultramarino*, e depois em separado com o titulo: *Arte de agricultura palmarica* — 8.º pequeno de VIII-49 pag.

ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

(Vid. pag. 316)

IV

O sr. João Diogo Juzarte de Sequeira Sameiro dotou o asylo, como fica dito, com toda a sua riqueza, exceptuando pequenos legados, e deixou a seu benemerito irmão o muito especial e espinhoso encargo de administrar e consolidar o patrimonio dos cegos, que eram todos os seus affectos.

E tanta era a confiança que elle lhe merecia, ou tão convencido estava de que a Providencia, exceptuando o filho mais moço de Manuel Dionizio da enfermidade dos irmãos, o reservára para concluir a obra que o immortalisára mais que todas as que os seus ascendentes poderiam ter mandado gravar no marmore ou no bronze, e para a prosecução da qual não encontrára outra norma senão a propria consciencia.

Finou-se o sr. João Diogo aos 7 de agosto de 1865, e logo seu irmão entrou no cuidado da administração e consolidação do asylo, elevando a vinte e tres o numero dos asylados, e fazendo acquisição do convento de S. Francisco.

N'esta acquisição occorreu um incidente muito original e digno de menção.

Quando a parte do convento pertencente ao ministerio da fazenda foi posta em hasta publica, a pedido do sr. José Godinho, arrematou-a este sem nenhuma concurrencia; e, como esperava que o mesmo acontecesse com a parte restante, preparou os materiaes e planeou a obra em relação a todo o edificio.

Seis mezes depois da primeira arrematação, foi pelo ministerio da guerra posta em praça a outra porção do convento, e, indo arrematal-a o sr. Godinho, achou um oppositor, seu antigo amigo, que unicamente por acinte e por pretendidos aggravos, lançou no mesmo predio, e o ia elevando a preço não merecido. O sr. José Godinho, desorientado com tão inesperado facto, abandonou a licitação, e ficou arrematante o sr. Manuel Caetano de Barros, pessoa distincta, muito conhecida e relacionada em Portalegre.

Passadas as primeiras impressões, e reconhecendo-se o gravissimo transtorno que provinha á installação e economia do asylo ficar reduzido á metade do convento, tentou o sr. José Godinho comprar ao sr. Barros a parte que possuia, e que para nada lhe servia. O sr. Barros, porém, só para satisfazer ao seu capricho, desprezou todas as propostas, e os empenhos dos proprios amigos e parentes, que lhe levavam em mal tal procedimento.

Estava já o sr. Godinho resignado a limitar o asylo á parte do convento que lhe pertencia, alterando todo o plano e commodidades de tal estabelecimento, quando

por acaso passou em Castello de Vide o sr. Carlos José Caldeira. Sabendo d'estas circunstancias, e vendo quão desastrosas eram para o nascente asylo, passando d'alli a Portalegre, dirigiu-se ao sr. Barros, apesar de todos lhe dizerem que nada conseguiria, a propor-lhe e pedir-lhe a venda que desejava.

Era inteiramente desconhecido a este cavalheiro, nem para elle procurára recommendação alguma. Ia só animado pela idéa de lhe parecer impossivel que houvesse quem só por acinte resistisse a tal pedido, do qual dependia o bem-estar de muitos infelizes dignos da maior consideração.

O sr. Manuel Caetano, apenas o sr. Caldeira lhe expoz o fim para que o procurava, respondeu-lhe que jámais por dinheiro algum venderia o predio em questão; mas que o considerasse logo como seu, e d'elle dispozesse como entendesse.

Ficou maravilhado o sr. Caldeira, e quasi incredulo do que ouvia.

No dia seguinte, um dos de julho de 1866, o sr. Barros lhe fez doação legal, pura, incondicional e irrevogavel d'aquelle predio, e em seguida o sr. Caldeira o doou da sua mão ao asylo dos cegos, que d'este modo gratuitamente adquiriu o resto do edificio, de que tanto necessitava.

Foi de certo censuravel o capricho e teimosia do sr. Manuel Caetano de Barros, unicamente para contrariar o sr. José Godinho no seu laudavel desejo de dotar o asylo com um bello edificio. Porém ninguem podia remir mais nobremente um erro ou uma fascinação, d'aquelles a que levam as paixões e as fraquezas humanas. Particular louvor por isso merece, e tambem o sr. Carlos José Caldeira, que lhe occasionou esta bella acção.

Não pararam aqui, no entretanto, as difficuldades. Surgiram novas, e tambem poderosas, como para offuscar o brilho do monumento que se acabára de erguer; ou, antes, como para destruir a grande obra que a philanthropia creára, e que procurava engrandecer e enraizar.

Com effeito, o sr. José Godinho tem tido que sustentar uma demanda porfiada com os seus proprios parentes, que pretendem haver o patrimonio do asylo, sob o pretexto de certas clausulas do testamento do finado.

Ora o testamento dizia que, caducando o legado ao asylo, passaria aos seus herdeiros naturaes; isto é, dividir-se-hia em tres quinhões, dois dos quaes pertenceriam respectivamente ao sr. José Godinho e a sua irmã, virtuosa e respeitavel senhora, religiosa no mosteiro de S. Bernardo, em Portalegre. O terceiro quinhão seria repartido entre varios representantes de um fallecido terceiro irmão do testador, que são os que propozeram o pleito contra o asylo, e aos quaes com rara abnegação tenazmente se tem opposto o sr. José Godinho e sua dita irmã; sendo aliás os mais interessados na partilha do patrimonio avultado do asylo se lhe fosse desfavoravel o resultado d'este singular pleito.

Felizmente para os pobres cegos, o benemerito administrador do asylo já obteve sentença favoravel na primeira e segunda instancia judicial, mas ainda pende um recurso no supremo tribunal de justiça. Façamos votos para que a decisão final seja conforme aos desejos de todos os homens de boa alma e nobre coração.

Este pleito, e outras injustas opposições, que nunca faltam até ás melhores coisas d'este mundo, tem amargurado muito o sr. José Godinho; porém o seu grande animo não afrouxa nem esmorece perante nenhuma difficuldade para consolidar a obra e cumprir a missão que seu caridoso irmão lhe incumbiu, e que tão zelosamente desempenha.

O governo, em reconhecimento da sua dedicação e dos serviços á causa da caridade, o condecorou com a commenda da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, em 22 de outubro de 1867, por occasião da transferencia do asylo para a sua nova casa, de cuja festa adiante faremos uma resumida descripção.

V

O edificio do asylo fórma actualmente um quadrado com um claustro no centro, guarnecido de boas columnas de cantaria. No lado norte do quadrado fica-lhe contigua a antiga egreja do convento, que serve hoje de capella do cemiterio da villa, que bem impropria e inconvenientemente está junto ao asylo; mas trata-se de o remover para outro local.

No pavimento ao rez do chão tem varias officinas e um vasto deposito para agua. No superior ha duas enfermarias, dois grandes dormitorios para homens e tres para mulheres, duas salas para conversação com fogões no inverno, duas varandas ou terraços, dois refeitorios, larga cozinha, dispensas, etc.

As habitações e os refeitorios de ambos os sexos estão inteiramente separados. Todos os asylados apenas se reunem no côro da egreja ás orações diarias e á missa.

N'um pequeno segundo pavimento está a sala da administração, e um quarto para dormir o administrador, onde o actual tem um leito e roupas eguaes aos dos asylados.

Os leitos são de ferro, e a roupa branca toda de linho. O vestuario é uniforme. Nos homens calça e quinzena de saragoça, e collete de panno azul. Nas mulheres sáia e roupinhas de fazenda de lã, em xadrez branco e preto. Todos usam de uma medalha com a effigie de Nossa Senhora da Esperança, da invocação do estabelecimento.

Ha duas abundantes e nutrientes comidas diarias, ás 9 da manhã e ás 3 da tarde; e de carne quatro dias na semana.

Não ha restricção nas condições da admissão do asylo, nem no numero dos asylados cegos, senão a que determinarem os rendimentos da casa. Tem actualmente capacidade para 50 a 60, e póde de futuro tel-a maior, annexando-se-lhe a capella e as casas que no pavimento terreo occupa a ordem 3.ª, e que pertencem á fazenda nacional.

Nas renovações do edificio, obras varias e installação do asylo, calcula-se terem-se gasto cêrca de quinze contos. É certo que em poucos estabelecimentos d'esta ordem gozarão os asylados de tão bom tratamento e de tantas commodidades.

(Continúa)

Diz Miguel Chevalier, que o aperfeiçoamento dos utensilios domesticos tem muita relação com a liberdade real e pratica, porque contribue para a liberdade da casa, que tanto importa ao genero humano como a liberdade da rua. Por isso, um utensilio aperfeiçoado livrará o criado de algum trabalho incommodo ou perigoso á saude; e outro deixará que uma pessoa faça o trabalho de tres, o que poupará o serviço de duas.

Quando Deus formou a rosa, disse-lhe: «Floresce e derrama o teu perfume.» Quando ordenou ao sol que saisse do cháos, accrescentou: «Allumia e aquece a terra.» Quando deu vida ás avesinhas, incitou-as a que povoassem os ares com os seus gorgeios. Creou, em fim, o homem, e disse-lhe: «Ama!»

E vendo o sol raiar, aspirando os perfumes da rosa, e ouvindo os gorgeios das avesinhas, podia acaso o homem deixar de amar?